

# Necessidade Economia-Brasil de crescer

A economia brasileira conseguiu sobreviver à crise cambial de 1999, mas continua enfrentando a desconfiança dos investidores estrangeiros. O *spread* dos títulos brasileiros negociados no exterior, que reflete a percepção de risco do país, caiu bastante em relação ao início do ano passado. Apesar disso, continua superior aos *spreads* da Argentina e do México.

“Se você olhar a reação dos mercados internacionais à recuperação brasileira, verá que foi um pouco tímida”, atesta o economista José Alexandre Scheinkman, professor da Universidade de Princeton. “Pagamos um *spread* de 140 pontos básicos acima da Argentina. Em 1997, antes de tudo isso acontecer, nosso *spread* era menor. A diferença entre o México e o Brasil era muito pequena. Hoje, é de mais de 250, 300 pontos básicos.”

Scheinkman elogia os resultados obtidos até agora pela equipe econômica do governo. Lembra que o ajuste fiscal realizado em 1999 foi da ordem de 5,8% do PIB, se forem somados os esforços obtidos pelo Tesouro Nacional e o INSS. Ele acredita que o governo conseguiu criar os instrumentos para manter o superávit fiscal e controlar a razão dívida/PIB. Ainda assim, permanecem as dúvidas lá fora sobre a capacidade do Brasil de crescer nos próximos anos.

“A questão principal é que, embora tenhamos resolvido o problema fiscal em termos de superávit total do governo e de termos tido uma política monetária percebida como muito competente, ainda não resolvemos os problemas de longo prazo para trazer uma taxa de crescimento maior”, pondera Scheinkman, que, amanhã, durante o seminário 2000 *Cenários*, promovido pelo Centro de Economia Mundial da FGV, falará sobre a percepção externa do risco Brasil.

A questão do crescimento brasileiro é colocada por Scheinkman menos como uma virtude e mais como uma necessidade. Ele explica que, dado o tamanho e os compromissos externos do Brasil, o país precisa crescer, aumentar as exportações, melhorar as contas externas e, assim, ficar menos vulnerável às crises externas.

“Sabe-se que o Brasil é um país que tem uma perspectiva de crescimento, pelo menos a médio prazo, que não é tão boa assim. Nesse cenário, os compromissos internacionais ficam mais sensíveis a choques externos”, adverte o professor. “Uma coisa é ter uma dívida externa e estar crescendo a 6%, 7% ao ano. A outra é estar numa economia relativamente estagnada, com compromissos relativamente altos. Esta é a distinção entre o Brasil e o México.”